

PROPOSTA DE REDAÇÃO – 3ª SÉRIE:

Texto I

Qual a ligação entre escravidão a Netflix, o Oscar, o Zumbi dos Palmares, as operações policiais no Guarujá e a sua vida? Vou lhe contar.

Narrativa é uma palavra que você deve ouvir o tempo inteiro na internet, mas não faz a mínima ideia do que ela tem a ver com a sua vida, então pega esta visão: narrativa é jeito que uma história é contada, e a forma como essa história é contada pode mudar a opinião de todo mundo sobre você.

Imagina um filme ou seriado que contasse a história da sua vida, mas, em vez de contar sua história real com qualidades e defeitos, esse filme retratasse você apenas com uma pessoa horrível. Bom, é exatamente o que acontece no episódio “Joanna e Péssima”, da série “Black Mirror”, da Netflix. Cada erro e conflito que a Joana vive na sua realidade são retratados em uma série, como se ela cometesse todos aqueles erros de propósito, sendo uma mulher fria, que não liga pra ninguém, que age na maldade com geral. E a narrativa da Joana fictícia destrói a vida da Joana retratada, porque agora todo mundo a odeia.

Mas e se eu te falar que isso já aconteceu na vida real, em 2018? O filme “Green Book” tentou retratar a vida do Dr. Don Shirley, um dos músicos negros mais icônicos da história dos Estados Unidos. Mas a narrativa foi focada nele? Não! Foi focada em Tony Lip, o motorista que dirigiu para ele apenas uma vez em uma turnê, além de jogar dois copos fora no lixo pelo fato de dois homens negros beberem neles. No filme, Lippi foi retratado com heroísmo, enquanto o pianista foi colocado como criança, arrogante e mimado, o qual odeia a própria cultura. O longa ganhou um Oscar, e os produtores delegaram muito dinheiro destruindo a memória desse ícone negro, enquanto protestos aconteciam na casa do pianista na vida real, o qual precisou lidar com muito “hate”.

Além desse caso, em 2008, o cinema tentou retratar a vida de Michael Oher – jogador de futebol americano – no filme “Um Sonho Possível”. Na obra, ele vive em condição de miséria com uma mãe viciada em drogas, até ele ser adotado por uma família branca heroína que coloca ele no esporte pelo qual se tornou uma estrela. Mas isso não aconteceu. Na realidade, essa família branca assumiram a tutoria legal da vida dele e controlaram todo o dinheiro que ganhou durante, além de ter vendido uma história mentirosa para Hollywood. Por fim, Sandra Bullock ganhou um Oscar no papel de mãe heroína, enquanto Michael Oher teve sua carreira destruída.

Isso não é um caso isolado, mas cabe o seguinte questionamento: por que os negros são mal retratados? A resposta é nítida: por conta da escravidão.

Durante os sistemas de domínios das pessoas brancas sobre as pessoas negras na época escravagista, os escravizados eram impedidos de aprender a ler e a escrever. Logo, durante séculos, o povo negro foi retratado pelas histórias de pessoas brancas e pela forma que essas pessoas pensavam sobre eles. Em 2019, por exemplo, um jornalista muito duvidoso lançou um livro cheio de “fake news” histórica, afirmando que Zumbi dos Palmares, o herói e líder do Quilombo dos Palmares, tinha escravos. Mas eu pergunto a você: de onde ele tirou essa informação? De cartas escritas por portugueses e franceses que nunca pisaram em Palmares, os quais espalhavam essas informações morrendo de medo que os seus próprios escravos descobrissem que havia um líder libertando os escravizados para viverem como seres humanos.

Diante disso, responda: por que um jornalista, hoje em dia, publica uma “fake news” dessa? Por inocência? Não, por medo. Medo da luta do povo negro, para enfraquecer um dos maiores símbolos da luta desse povo. É uma forma de contra-ataque que utiliza uma arma muito poderosa: a narrativa.

Se uma narrativa for usada por tempo suficiente e por gente suficiente, ela pode acabar com a memória de acontecimentos reais, fazendo as pessoas acreditarem em fatos distorcidos, criados para destruir uma parcela. A narrativa é uma arma usada depois de casa incursão da polícia nas favelas do Brasil. Não importa que maus policiais matem trabalhadores honestos, mulheres grávida e crianças, afinal é só usar a narrativa para fazer as pessoas acreditarem que as vítimas mortas eram criminosas ou tinha ligação com criminosos. Tudo bem atirar nelas, não é mesmo?

Em última instância, a narrativa pode ser usada para definir uma sociedade, estabelecendo quem merece viver e quem merece morrer. E é neste ponto que isso chega na sua vida.

Há 80 anos, consolidou-se, na Europa, uma narrativa a qual dizia que os judeus eram culpados por todos os problemas da humanidade, resultando no extermínio de seis milhões de homens, mulheres e crianças nas câmaras de gás e em uma guerra que matou 70 milhões de pessoas. E, hoje, quais são as narrativas que você está acreditando sem questionar? Porque não importa quem você seja ou como você seja, pois tem pessoas lutando por você e contra você. É sobre isso que retrata, inclusive, o termo “guerra de narrativas”. Logo, para decidir quais narrativas seguir, sempre que ouvir qualquer história ou qualquer opinião, é importante se perguntar quem está falando, sobre o

quê, por quais motivos e a favor de quem. Assim, você não apoia quem está querendo destruir o próximo. Ou pior. Você mesmo.

Fonte: Texto transcrito do TikTok, por Arepe Malik.

Texto II

O termo narrativa designa a ação, o processo ou o efeito de narrar uma história. Em literatura, a narrativa é a conexão entre todos os elementos que compõem o enredo: personagens, tempo, espaço e conflito.

Na narrativa, o narrador exerce a função primordial de “contação” da história. É ele quem direciona o imaginário do leitor durante o processo de composição da trama. As estruturas das histórias narrativas normalmente seguem a lógica da apresentação, do conflito, do clímax e do desfecho.

Walter Benjamin em seu ensaio O Narrador analisa a importância da tradição oral na constituição dos gêneros narrativos. Para o crítico, a humanidade é criadora da arte de contar histórias porque é só desta forma que se consegue trocar as variadas experiências. Benjamin também acredita haver diferença entre as narrativas reais e ficcionais, tanto que as classificou como sendo narrações e romances, respectivamente.

Fonte: InfoEscola

Texto III - O discurso de neutralidade não tem nada de neutro

A pretensão de neutralidade pode parecer, à primeira vista, uma atitude de bom senso. No entanto, ela revela muito mais as verdadeiras preferências da pessoa do que ela tinha intenção de mostrar. E, apesar de não querer se apresentar como vinculada a nenhum dos lados, acreditando que, assim, passará uma imagem de equilíbrio – diferente de tantos radicais que andam por aí –, apenas revela que sua posição já está definida de antemão.

Ser neutro, principalmente em política, está longe de significar não ter opiniões. Pelo contrário, denota convicções muito bem definidas. O que a pessoa pretende, ao afirmar neutralidade, é desvincular-se de qualquer identificação com um dos lados do espectro político. No entanto, sua opção pela neutralidade, por não ser abstenção, mas escolha, invoca definições claras, sempre.

E o mais revelador nisso é que tal neutralidade, no fim das contas, longe de afastar a pessoa dos opostos, identifica-a com um deles. Porque o que separa os lados é uma linha tênue que não permite, na maior parte das vezes, que haja noções intermediárias entre eles.

Na verdade, em argumentação, “não existe escolha neutra, mas há uma escolha que parece neutra”, como diz Chaim Perelman. Com efeito, evocar a neutralidade é apenas uma tática de engano. Quem o faz, busca aparentar isenção, mas tem suas convicções muito bem fundamentadas.

Veja o caso da chamada terceira via, que se apresentou como uma alternativa à polarização política entre direita e esquerda, mas, de fato, se mostrou apenas mais uma versão, ainda que levemente atenuada, do pensamento socialista.

Alguns ainda tentam colocar-se como em um centro, como se isso representasse um posicionamento superior e livre de extremismos. No entanto, em política, o centro tem servido apenas ao clientelismo e ao conchavo, ao permitir que quem ali se encontra possa se aproximar de qualquer um dos polos conforme seus próprios interesses e de acordo com as circunstâncias.

Por isso, desconfio de todo discurso que tenta aparentar-se neutro. Fujo dos políticos que se dizem de centro.

E mesmo Deus afirma sobre eles – que são os mornos citados nas Escrituras – que vomitá-los-á de sua boca.

Fonte: Fábio Flanco, professor de Filosofia e curador do site “Filosofia Integral”.

Texto IV

A linguagem, enquanto discurso, não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem, enquanto discurso, é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o “sistema-suporte das representações ideológicas [...] é o ‘medium’ social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais” (Braga, 1980). Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais.

Fonte: Helena H. Nagamine Brandão, em “Introdução à análise do discurso”.

Texto V

É assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e é o que ele se tornará. A consequência de uma única história é que ela rouba das pessoas sua dignidade. Enfatiza o quanto somos diferentes, ao invés do quanto somos semelhantes.

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças, porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu me convenci de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ser estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Fonte: Chimamanda Ngozi Adichie, em "O Perigo de uma História Única".

Texto VI

"Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade."

Fonte: Joseph Goebbels, ministro da propaganda durante a Alemanha Nazista.

Texto VII



Fonte: Folha UOL

Texto VIII - George Orwell e a psicologia em "1984"

O romance "1984", juntamente com o livro "A Revolução dos Bichos", é uma das obras mais famosas do escritor George Orwell. Esse escritor nos apresenta uma literatura política com nuances psicológicas extremamente interessantes, além de ser famoso por ter sua ideologia baseada no socialismo democrático (não confundir com a social-democracia) e no antitotalitarismo.

"1984" é um romance distópico baseado em um sistema de governo chamado IngSoc (socialismo inglês). Esse governo criou uma sociedade baseada no controle da informação, na qual a principal premissa é: "Quem controla o presente, controla o passado, e quem controla o passado controla o futuro". Hoje, é considerado um excelente trabalho para refletir sobre a nossa sociedade atual, questionando até que ponto nos tornamos uma sociedade orwelliana.

Durante o livro, George Orwell apresenta uma série de conceitos ou ideias muito atraentes do ponto de vista da psicologia, como o duplipensamento.

Um dos aspectos centrais que permitem o controle da população desse sistema é o duplipensar, que significa o poder ou a faculdade de manter simultaneamente duas opiniões contraditórias, duas crenças opostas abrigadas ao mesmo tempo na mesma pessoa.

A população é educada no duplipensar para eles saibam aceitar as contradições e entenderem sua existência prática. Na sociedade de controle de "1984", os artifícios do estado totalitário não estão escondidos. Ensina-se a população a os aceitarem e os negarem ao mesmo tempo. Isso se reflete no famoso slogan: "Guerra é paz. Liberdade é escravidão. Ignorância é força."

O objetivo final do duplipensar é que os indivíduos o transformem em um comportamento automático. Ser capaz de manter duas ideias contraditórias na cabeça e nem perceber que ambas são contraditórias. Agora, isso acontece na vida real? Existe alguma relação entre duplipensar e nossa forma de pensar?

Fonte: Alejandro Sanfeliciano (adaptado).

Texto IX

"Como temos tantas informações, mas sabemos tão pouco?"

Fonte: Noam Chomsky

Texto X



Texto XI



Texto XII

**PENSO,
LOGO EXISTO**



**ACREDITO,
LOGO EXISTO**



COLÉGIO PRÁXIS INDICA:

Livro: "Nós", de Ievguêni Zamiátin.

História do mundo: Segunda Guerra Mundial

PROPOSTA DE REDAÇÃO: Com base na coletânea e em seu conhecimento de mundo, escreva uma dissertação argumentativa sobre o tema: **"Qual a importância das narrativas para a construção de uma identidade na atualidade?"**.

INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.
4. **Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:**
 - 4.1. Tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo consideradas "texto insuficiente".
 - 4.2. Fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
 - 4.3. Apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.